

Civilização do Espetáculo

J. Roberto Whitaker Pentead

A liberdade não desaparece só quando os governos despóticos a reprimem.- Mario Vargas Llosa

O Estado de S. Paulo do domingo passado, 3 de junho, publicou extenso artigo do escritor peruano Mario Vargas Llosa, sob o título *Civilização Rende-se ao Espetáculo*, que está tendo grande repercussão, principalmente entre jornalistas, e sendo reproduzido e debatido em vários blogs e sites da internet. Pode ser encontrado, por exemplo, no blog do Noblat. (clique aqui para ir ao blog)

Sincronica - ainda que modestamente - eu tratava de assunto muito próximo aqui, neste espaço do Caderno, semana passada, afirmando que o maior pecado da propaganda pouco tinha a ver com as acusações - hoje consideradas politicamente corretas - de ser enganosa ou ofensiva. Para isso, existem mecanismos de auto-controle, como o Conar e até uma consciência social mais apurada, por parte dos seus profissionais. Este "maior pecado", no entanto, havia sido indireto, por ter involuntariamente estimulado - principalmente nas últimas décadas - os meios de comunicação em geral na busca de audiências cada vez maiores, com o objetivo de obter maiores fatias das verbas dos anunciantes.

Ao ler Vargas Llosa, senti-me um pouco como a personagem mítica de Pandora, depois de abrir a caixa de más-surpresas: a questão parece mais séria e merecedora de reflexão, não só por parte dos profissionais de comunicação mas de toda a sociedade.

O argumento do escritor é linear, quase irrefutável: o jornalismo do Ocidente relegou a segundo plano as funções de informar, opinar e criticar - para privilegiar outra que fora secundária: divertir. O que começou discretamente, de forma quase imperceptível, hoje em dia ocupa quase todos os espaços. MVL restringe, de certa forma, a sua análise aos espaços jornalísticos, mas não deixa de sugerir que o fenômeno é extensivo a todos os meios de comunicação de massa e afeta não apenas o conteúdo programático, mas até mesmo as atitudes dos seus diversos usuários, como os próprios governos e os candidatos, em suas campanhas políticas. Na ótica do autor, estes deixariam de lado, propositadamente, os temas importantes e críticos para a sobrevivência do planeta, por exemplo, em favor de um debate simplista, composto pela retórica dos clichês, mais destinado a impactar - e escandalizar - do que a informar os eleitores.

A reação da sociedade, ecoada pelos governos, tem sido - em muitos lugares, não só no Brasil - no sentido de controlar, cercear ou proibir a liberdade de expressão. "Qualquer tentativa de frear legalmente o sensacionalismo jornalístico", escreve, "equivalaria a estabelecer um sistema de censura, e isso teria conseqüências trágicas para o funcionamento da democracia".

Gostaria de poder concluir revelando alguma proposta concreta, no artigo, para lidar com essas ameaças. Não tem. Mas, para que um problema possa ser resolvido, é preciso que tenha uma clara formulação - e nisso Vargas Llosa foi competente.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=120&ID=402>>. **Acesso em:** 30 jul. 2009.